

COMO A TECNOLOGIA PODE AJUDAR PESSOAS COM AUTISMO: ANÁLISE MULTIMODAL DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS “A DIFERENÇA INVISÍVEL”

Mônica Moura Neves

*Estudante de doutorado do Programa de Humanidades,
Culturas e Artes da Afya Universidade Unigranrio*
kika.neves@yahoo.com.br

Márcia Regina Castro Barroso

*Professora do Programa de Humanidades, Culturas e
Artes da Afya Universidade Unigranrio*
marcia.barroso@afya.com.br

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits persistentes na comunicação e na interação sociais, bem como por padrões restritos e repetitivos de comportamento. Mas se a linguagem e o pertencimento identitário são os elos que nos conectam com o mundo, permitindo-nos conviver em diversas situações interpessoais e gerir emoções, podemos pensar um pouco nos desafios enfrentados pelas pessoas autistas. Sabemos que muitas pessoas encaram dificuldades diárias em virtude de deficiências ocultas ou invisíveis, isto é, aquelas que não são identificadas visivelmente e de modo instantâneo pelos outros, o que, geralmente, provoca incompreensão e preconceito estrutural pelos estigmas já arraigados na sociedade. Dentre essas deficiências se encontra o TEA. Atualmente, tem crescido o número de diagnósticos tardios relacionados ao espectro, principalmente em relação ao feminino que, por habilidades operacionais, desde cedo aprende a camuflar suas características, mesmo que com extremo esforço e com consequentes prejuízos na saúde física e emocional. Entretanto, com o passar do tempo e expostas a episódios de vulnerabilidade, como no caso de bullying (fenômeno comum que, sob a forma de provocações, ameaças, intimidações ou agressões, gera exclusão), sentem a necessidade de buscar a própria subjetividade para se transformarem. Posto isso, considerando que a identidade é construída ao longo da vida e é influenciada por fatores pessoais, sociais e culturais, esta pesquisa bibliográfica, aliada a uma análise multimodal, de natureza qualitativa, tem como objetivo analisar a obra literária intitulada “A diferença invisível”, de Mademoiselle Caroline e Julie Dachez, em formato HQ, que traz como personagem principal Marguerite, de 27 anos e aparentemente igual às demais pessoas ao seu redor. No entanto, ao enfrentar tantas dificuldades no trabalho e em sua vida particular, partirá em busca de respostas, chegando ao diagnóstico de Autismo e, conseqüentemente, ao autoconhecimento e a uma mudança profunda de vida. A história contém diversos pedaços de sua vida que permitem ao leitor visualizar o que é vivido por centenas de sujeitos na mesma condição. Além disso, traz algumas informações científicas sobre o que venha a ser o TEA e, mais, do que tudo, deixa como mensagem a defesa do respeito às diferenças. A fim de cumprirmos tal proposta de trabalho, escolhemos como referenciais teóricos David Le Breton, Erving Goffman e Stuart Hall ao tecermos informações acerca da subjetividade humana e Pierre Bourdieu, para melhor compreendermos as diversas dinâmicas interacionais dos sujeitos. Sem a pretensão de esgotarmos o tema, pretendemos verificar como a obra aborda as questões anteriormente elencadas e se os contextos descritos correspondem, de fato, à diversidade presente no espectro autista.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; Transtorno do Espectro Autista; Pertencimento Identitário; Subjetividade

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is characterized by persistent deficits in social communication and interaction, as well as restricted and repetitive patterns of behavior. But if language and identity belonging are the links that connect us with the world, allowing us to live in various interpersonal situations and manage emotions, we can think a little about the challenges faced by autistic people. We know that many people face daily difficulties due to hidden or invisible disabilities, that is, those that are not visibly and instantly identified by others, which usually causes misunderstanding and structural prejudice due to the stigmas already ingrained in society. Among these deficiencies is ASD. Currently, the number of late diagnoses related to the spectrum has grown, especially in relation to females who, due to operational skills, learn to camouflage their characteristics from an early age, even with extreme effort and with consequent damage to physical and emotional health. However, with the passage of time and exposed to episodes of vulnerability, as in the case of bullying (a common phenomenon that, in the form of teasing, threats, intimidation or aggression, generates exclusion), they feel the need to seek their own subjectivity to transform themselves. That said, considering that identity is built throughout life and is influenced by personal, social and cultural factors, this bibliographic research, combined with a multimodal analysis, of a qualitative nature, aims to analyze the literary work entitled *The Invisible Difference*, by Mademoiselle Caroline and Julie Dachez, in comic format, which has as its main character Marguerite, 27 years old and apparently the same as the other people around him. However, when facing so many difficulties at work and in his private life, he will go in search of answers, reaching the diagnosis of Autism and, consequently, self-knowledge and a profound change in life. The story contains several pieces of his life that allow the reader to visualize what is experienced by hundreds of subjects in the same condition. In addition, it brings some scientific information about what ASD is and, more than anything, it leaves as a message the defense of respect for differences. In order to fulfill this work proposal, we chose David Le Breton, Erving Goffman and Stuart Hall as theoretical references when weaving information about human subjectivity and Pierre Bourdieu, to better understand the various interactional dynamics of the subjects. Without intending to exhaust the theme, we intend to verify how the work addresses the issues previously listed and if the contexts described correspond, in fact, to the diversity present in the autistic spectrum.

Keywords: Interdisciplinarity; Autism Spectrum Disorder; Identity Belonging; Subjectivity

Introdução

O ser humano se constrói na relação consigo, com o outro e com o mundo. Em situações sociais e na gestão das emoções, é o pertencimento identitário que o conecta com seus pares. Sendo assim, pensando sobre as dificuldades que pessoas com o Transtorno do Espectro Autista (TEA) enfrentam quanto ao uso das habilidades de comunicação e interação sociais, é que escolhemos refletir sobre a subjetividade no espectro, mais especificamente, no feminino adulto.

Sabemos que os pais não estão preparados para ouvir que seu filho (a) foi diagnosticado (a) com TEA. Por outro lado, também é difícil para aquele adulto que descobre, tardiamente, apresentar essa condição. Isto porque, apesar da resignificação dos próprios paradigmas, a descoberta afeta o sujeito e o faz se autoconhecer a cada dia. Afinal, sentir-se parte de um grupo é essencial para o bem-estar mental e social.

Dionei (2023) expõe que a necessidade de pertencimento é um anseio que define a condição humana, iniciando-se já na relação entre mãe e filho, perdurando ao longo da vida. Do contrário, desencadeiam-se processos de exclusão, com a negação do próprio pertencimento. Para clarificar um pouco mais, o autor ressalta que, geralmente, são os grupos minoritários, vulneráveis e/ou periféricos que experimentam isso mais frequentemente, pois, devido às narrativas dominantes, as chances de participação na comunidade dependerão da tentativa em como seus espaços serão definidos por meio do discurso.

Frente aos elementos apresentados acima e compreendendo que as dificuldades presentes no TEA em relação à comunicação e à interação sociais podem interferir no processo de construção da identidade, que leva à subjetividade, à autonomia e à participação cidadã, é que propomos esta pesquisa científica, sob uma ótica interdisciplinar, que tem como objetivo analisar a obra literária intitulada “A diferença invisível”, de Mademoiselle Caroline e Julie Dachez, em formato HQ, que trata sobre os desafios na ocasião de um diagnóstico tardio e sobre o que fazer para ressignificar a própria história de vida.

Metodologia

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a obra literária intitulada “A diferença invisível”, de Mademoiselle Caroline e Julie Dachez, em formato HQ, que traz como personagem principal Marguerite, de 27 anos, aparentemente igual às demais pessoas ao seu redor. No entanto, o diagnóstico tardio de Autismo a levará ao autoconhecimento e a uma mudança profunda de vida. A história, que contém diversos pedaços de sua vida narradas em quadrinhos, possibilitam ao leitor entender melhor o que significa o transtorno, com todas as suas especificidades.

Para tal propósito, precisamos levar em conta o papel que a interdisciplinaridade exerce em qualquer tipo de pesquisa científica, tomando por base que corresponde a uma exigência interna das próprias ciências para tratar da ação do homem no mundo (Japiassu, 1976).

Deste modo, realizaremos uma pesquisa bibliográfica, aliada a uma análise multimodal, de natureza qualitativa. Neste sentido, inicialmente trataremos um pouco sobre a individualidade do ser humano nos espaços coletivos. Depois versaremos sobre o TEA e suas especificidades. Por fim, considerando que a personagem principal compreende que as tecnologias digitais podem lhe auxiliar em seu processo de autoconhecimento e de novas decisões sobre sua vida, teceremos nossas impressões sobre o papel das tecnologias no trabalho com pessoas do espectro, de um modo geral. Tudo isso, intercalando informações teóricas, visão dos autores acerca de assuntos aqui apresentados e algumas cenas que a obra nos oferece, a fim de verificarmos se, de fato, a mesma aborda e descreve os contextos de acordo com a diversidade presente no espectro autista.

Fundamentação teórica

Muitas pessoas enfrentam dificuldades diárias em virtude de deficiências ocultas ou invisíveis, que são aquelas não identificadas visivelmente. Assim, vemos a incompreensão por parte do outro, o estabelecimento de estigmas, a falta de empatia, o capacitismo¹ ou a subestimação de potencialidades individuais. Dentre as deficiências ocultas ou invisíveis temos o Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Cada vez mais tem crescido o número de diagnósticos tardios relacionados ao espectro, principalmente no feminino que, por habilidades operacionais, desde cedo aprende a camuflar suas características, mas que, com o passar do tempo e os prejuízos na saúde física e emocional², sente a necessidade de se autoconhecer para se transformar.

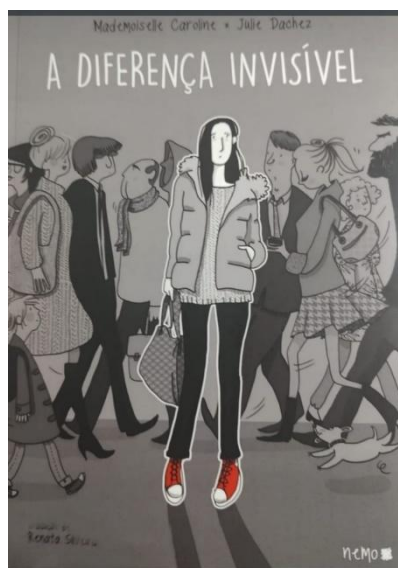
¹ Capacitismo se refere à discriminação e ao preconceito contra pessoas com deficiência, baseando-se na ideia de que corpos e mentes consideradas normais são superiores. Este pensamento impede a verdadeira inclusão e a autonomia das pessoas com deficiência, em diversos aspectos da vida, tais como o acesso aos serviços, à educação e ao mercado de trabalho.

² A regulação emocional e social é crucial para prevenir problemas como ansiedade, depressão

A história em quadrinhos (HQ) “A diferença invisível” acaba sendo um guia prático e dinâmico para compreendermos melhor as habilidades operacionais das pessoas com TEA. Em especial, ilustra muito bem os desafios enfrentados pelo feminino de suporte 1 no dia a dia.

A seguir, a capa da HQ:

Figura 1: Capa da HQ



Fonte: Caroline; Dachez, 2023

Escrita por uma jovem autista com alta capacidade intelectual, Julie Dachez, e ilustrada por uma talentosa desenhista, Mademoiselle Caroline, esta HQ apresenta a história contagiante de Marguerite em casa, no trabalho, com seu namorado e, depois, também com seus amigos autistas, retratando seus interesses, seus problemas em se enturmar, suas particularidades sensoriais e o reconhecimento da sua condição. Além disso, traz uma mensagem de respeito à diversidade.

Porém, antes de comentarmos sobre o TEA e de analisarmos a obra “A diferença invisível”, é preciso que compreendamos alguns conceitos que se entrelaçam à proposta desta pesquisa. São eles: identidade, memória, história e cidadania, conforme nos apresenta Stuart Hall (1932-2014), de quem falaremos mais adiante.

A individualidade humana e as construções coletivas

Identidade, memória, história e cidadania. Quatro palavras que podem sintetizar a individualidade humana, inserida num determinado contexto social.

Sobre memória e história, o historiador francês Pierre Nora, referência nos estudos sobre memória coletiva e que considerava que seu momento de escrita, no início dos anos 1980, testemunhava uma aceleração da história, bem como um esfacelamento da memória, diz que a vida está em permanente evolução dialética da lembrança e do esquecimento. Em outras palavras, de modo sucinto, a história é a reconstrução problemática e incompleta, daquilo que não existe mais e a memória, um fenômeno atual (Nora; Aun Khoury, 2012).

Sobre cidadania, Thomas Humphrey Marshall, sociólogo britânico do início do século

e ideação suicida, que são comuns em jovens com TEA.

XX, desenvolveu a ideia de cidadania a partir da ação conjunta entre três elementos da chamada natureza normativa: uma parte civil, uma parte política e uma parte social. Posto isto, os direitos civis teriam sido formados no século XVIII, os direitos políticos, no século XIX, enquanto os direitos sociais, no século XX, levando o autor a considerar que é através dessa construção histórica que se estabelece a ideia de cidadania (Mastrodi; Avelar, 2017).

Mas e quanto à identidade?

Como Stuart Hall nos diz:

Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada "crise de identidade" é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2006, p.7).

Isto significa dizer que as identidades são erigidas a partir das diferenças. Então, a partir desses conceitos, podemos concluir que a identidade, construída ao longo da vida, é influenciada por fatores pessoais, sociais e culturais, estando intrinsecamente ligada à memória e à história. Como a memória e a história nos ajudam a entendermos quem somos e como chegamos ao presente, a memória, individual e coletiva, é fundamental para a construção da identidade, pois permite que os indivíduos se reconheçam e se compreendam como parte de um grupo ou de uma história maior. A cidadania, por fim, é esse resultado da interação do indivíduo com a sociedade, contribuindo para a formação de uma consciência política e social.

Logo, qualquer alteração nesse dinamismo humano pode desamparar as próprias construções simbólicas do sujeito, retirando dele aquilo que realmente o identifica. Igual ao que pode acontecer no TEA.

O antropólogo e sociólogo Ervin Goffman (1922 a 1982), em sua obra "A representação do eu na vida cotidiana", estuda o conhecimento que o homem tem de si próprio e como manifesta seu comportamento em sociedade. Entre seus conceitos, fala sobre uma representação teatral e o caráter dramático do sujeito nas relações sociais, para regular a impressão dada às outras pessoas e o seu papel desempenhado, gerando comunicação entre os pares (Goffman, 2008). Quão difícil pode ser então, para o sujeito do espectro, identificar nuances comunicativas nesse processo.

Vejamos a figura a seguir:

Figura 2: Como as pessoas do espectro podem ser vistas em seus grupos sociais



Fonte: Caroline; Dachez, 2023 - p.21

Esta imagem, onde claramente percebemos que as pessoas com Autismo podem ser tidas como antissociais, sem o serem de fato, traz à lembrança o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), que considera a socialização como um processo que se desenvolve ao longo de uma série de produções de *habitus* distintos. O conceito de *habitus* foi considerado por Bourdieu como o elemento de mediação entre a sociedade e o indivíduo. Portanto, os portadores do *habitus* são os agentes sociais que fazem parte de grupos ou classes, em razão de sua posição na estrutura social. Consequentemente, esses sujeitos agirão dentro da estrutura social conforme o que lhes foi ensinado, primeiramente no interior da família e, depois, pela escola (Bourdieu, 2004). Aqueles, no entanto, que fogem ao que é esperado pela sociedade, podem ser vistos como incapazes e excluídos da sociedade.

Por essa razão é tão importante conhecer o que é o TEA, para que todas as pessoas do espectro não sejam discriminadas por enxergarem o mundo de uma forma singular.

TEA: Conhecer para transformar

A partir do DSM-5-TR², o Autismo passou a ser denominado como Transtorno do Espectro do Autismo e caracterizado pelas dificuldades apresentadas no processos de comunicação e de interação social, além da presença de comportamentos restritos e repetitivos, conforme o documento explicita:

O transtorno do espectro autista caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação e na interação sociais em múltiplos contextos, incluindo déficits em reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Considerando que os sintomas mudam com o desenvolvimento, podendo ser mascarados por mecanismos compensatórios, os critérios diagnósticos podem ser preenchidos com base em informações retrospectivas, mesmo que a condição presente esteja causando prejuízos significativos (APA, 2023, p.133).

Diante da definição encontrada no DSM-5-TR, podemos enumerar, conforme a necessidade de suporte encontrada³, os seguintes aspectos inerentes ao transtorno:

³ A saber: nível 3 - exigindo apoio muito substancial; nível 2 - exigindo apoio substancial; nível

a) Déficits persistentes na comunicação social e na interação social, em múltiplos contextos:

Figura 3: Dificuldades no trabalho em equipe



Fonte: Caroline; Dachez, 2023 – p. 18

Déficits na reciprocidade socioemocional, dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais em virtude do compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, comunicação verbal e não verbal pouco integrada, anormalidade no contato visual e na linguagem corporal, déficits na compreensão e no uso de gestos, assim como das expressões faciais, são algumas características que dificultam as relações interpessoais e/ou no trabalho, principalmente em equipe, pela pluralidade de situações vividas.

Conforme Le Breton assinala:

Às vezes, nossa existência nos pesa. Mesmo que por algum tempo tenhamos vontade de nos livrar das necessidades ligadas a ela, de tirarmos férias de nós mesmos para tomar fôlego, descansar. Embora nossas condições de vida sejam, decerto, melhores do que as de nossos ancestrais, elas não nos eximem do essencial que consiste em dar significado e valor à existência, em sentir-se ligado aos outros, em experimentar o sentimento de ter um lugar no seio do vínculo social (Le Breton, 2018, p. 8).

Quanto a esses apontamentos, vejamos mais um exemplo abaixo:

1: exigindo apoio.

Figura 4: Dificuldades para participar de eventos sociais



Fonte: Caroline; Dachez, 2023 – p.39

Temos aqui, nesta imagem: déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos; dificuldade em ajustar o comportamento em contextos sociais diversos; dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos; ausência de interesse por pares.

Ao desempenhar um papel, o indivíduo espera que aqueles que o observam acreditem nessa aparência (Goffman, 2008). Para o feminino no espectro, a camuflagem das características pode até funcionar bem, mas não sem muitos prejuízos ao longo da vida, o que leva ao desgaste físico, mental e emocional.

b) Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades:

Figura 5: A necessidade das rotinas



Fonte: Caroline; Dachez, 2023 – p.8

A imagem mostra a mesma rotina de Marguerite, desde o despertar até o retorno para casa após o trabalho. Pela insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal, é comum: sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças; dificuldades com transições; padrões rígidos de pensamento; rituais de saudação; necessidade de fazer o mesmo caminho ou de ingerir os mesmos alimentos diariamente, etc.

É o que diz Le Breton, ao enfatizar que: “A desistência do vínculo social e a indiferença às vezes são acusadas de egoísmo, mas elas respondem, sobretudo, a uma vontade de abandonar o jogo, de se desligar das paixões comuns, de deixar de ser levado a contragosto por elas” (Le Breton, 2018, p.11).

pessoa seja exímia no que faz. Assim, trabalhar num local muito ruidoso pode prejudicar o desempenho do trabalhador que é autista. Do jeito que Hall nos lembra:

O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tomando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, "sutura") o sujeito à estrutura (Hall, 2006, p. 12).

Diante do exposto, concluímos esta parte trazendo, de um modo geral, que a insistência em rotinas e a aversão à mudança, bem como as sensibilidades sensoriais, podem interferir na alimentação, no sono e na rotina diária. Também as dificuldades para o planejamento, a organização e o enfrentamento às mudanças podem impactar o desempenho acadêmico, mesmo que a inteligência esteja em níveis normais ou acima da média. Quando adultos, podem ter dificuldades para estabelecer sua independência devido à inflexibilidade e à rigidez do pensamento. Em adição, compulsões podem gerar desgastes e contribuir para o cansaço mental, físico e emocional.

A subjetividade humana na era digital

Antes dos microcomputadores entrarem na casa das pessoas, o filósofo francês Pierre Lévy já antevia, nas décadas de 1980 e 1990, que a internet seria o principal modo de comunicação da humanidade, permitindo ainda a possibilidade de pesquisa acerca das mais variadas temáticas em um único lugar, aumentando, por conseguinte, nossa capacidade de memória, que, externalizada nos meios digitais (no caso, o Google), criaria uma memória infinita (Pós PUCPR Digital, 2021).

Segundo Le Breton (2018), uma forma simples de se desfazer das coerções de identidade impostas pela sociedade é adentrar no mundo da internet. Nesse cenário, atrás de uma tela, onde a maioria cria outros papéis, constrói outras identidades, tem muitos amigos e vive novas vidas, sem medo das consequências advindas de suas palavras e de suas performances, as pessoas se sentem livres, pois não há fronteiras entre corpo, espaço e tempo.

Na mesma linha de pensamento, Santaella afirma que:

O abandono da linearidade temporal, de certa forma, foi impelido pelo advento da cultura digital que já se anunciava nitidamente nos anos 1980. Acompanhada pela escalabilidade dos sistemas computacionais e das redes (algoritmos e protocolos) em sua capacidade de melhorar seu desempenho na proporcionalidade do que lhe é adicionado, o digital veio para embaralhar todas as cartas no jogo do tempo: simultaneidade, sincronicidade, o passado no presente, o presente de muitos passados, futuros antecipados pelas simulações computacionais etc. Isso que apenas se anunciava há poucas décadas intensificou-se cada vez mais (Santaella, 2024,p.8).

Compreendemos, então, que mesmo que não queiramos, a internet faz parte de nossas vidas. Afinal, "[...] hoje, os movimentos sociais ganharam aceleração e amplitude graças às tecnologias computacionais interativas, especialmente as nômades que se desvencilharam dos limites impostos pelos fios" (Santaella, 2024, p.13).

A personagem Marguerite, diante de tantos conflitos sobre seu jeito de ser e sua forma de agir que, aos olhos dos outros era fora do padrão esperado, começou sua busca por respostas realizando pesquisas na internet, como demonstra a imagem a seguir. Desta

forma percebemos que, com o uso crítico da internet, ela pode ser uma aliada do homem.

Figura 8: O início da busca por explicações



Fonte: Caroline; Dachez, 2023 – p.94

O indivíduo não percebe mais seu lugar. Embora muitas vezes ele tenha se sentido à margem e tentado acomodar-se, desta vez ele não tem mais força, ou talvez nunca a tenha tido (Le Breton, 2018). Na internet, seus sintomas aparentes lhe deram uma pista e um caminho a seguir.

Figura 9: Quem de fato sou eu?



Fonte: Caroline; Dachez, 2023 – p.99

Marguerite procurou especialistas que, a princípio, julgaram não ser Autismo. Até que encontrou o espaço certo, onde foi encaminhada para uma avaliação específica.

Figura 10: O caminho para o diagnóstico



Fonte: Caroline; Dachez, 2023 – p.121

Ao receber o diagnóstico de Autismo, a preocupação deu lugar à alegria, pois passou a entender a si mesma. Diante do exposto, tecemos uma comparação com o que Le Breton afirma:

Mergulhar na subjetividade contemporânea e analisar uma de suas tentações mais intensas: a de desfazer-se enfim de si, mesmo que por um instante. A compreensão sociológica e antropológica dos mundos contemporâneos pode recuperar a singularidade de uma história pessoal ao cruzar a trama afetiva e social que banha o indivíduo e, sobretudo, as significações que alimentam sua relação com o mundo. (Le Breton, 2018, p.11).

Em outras palavras, Marguerite percebeu que não está sozinha no mundo, já que há outras pessoas com atitudes e jeitos semelhantes.

Figura 11: Da descoberta à transformação



Fonte: Caroline; Dachez, 2023 – p.175

Descobrir que também faz parte do espectro lhe proporcionou repensar sua vida e a fazer novas escolhas. Voltou a estudar, rompeu seu relacionamento e até deixou o emprego, ao verificar que as pessoas não estavam dispostas a mudar o comportamento para com ela. E foi aí que, mais uma vez, a tecnologia veio em seu auxílio. Optou por uma ocupação que lhe atenderia de acordo com seus interesses pessoais e que lhe fariam bem. Criou um blog e, posteriormente, lançou um livro, contando a história de sua vida e inspirando outras pessoas que passam pelas mesmas situações.

Vemos enfim que, com o autoconhecimento, a personagem encontrou um novo olhar sobre si mesma. Nesse sentido, Bruno e Couto (2019) defendem que a cibercultura⁴, fenômeno da pós-modernidade, não pode ser reduzida ao mero uso das tecnologias, pois ao reduzir distâncias, possibilita o intercâmbio entre as pessoas, criando novas formas de produção de conhecimento e de comunicação.

Figura 12: Como surgiu a HQ



Fonte: Caroline; Dachez, 2023 - 177

Dentro desse contexto, nas palavras de Han (1966), filósofo e ensaísta, “Hoje em dia em lugar da alteridade entra em cena a diferença que não provoca nenhuma reação imunológica (Han, 2017, p.10).

Contudo, embora Han (2022) defenda que o processo comunicativo entre os sujeitos sociais está em declínio pela perda do diálogo e do senso de alteridade, com uma guerra de identidades, dando origem às chamadas infobolhas e às tribos digitais⁵, Castells (2003) expõe que as comunidades virtuais apareceram como uma opção tecnológica para a socialização.

Análise dos resultados

Vimos que a obra *A diferença invisível* conta a história da própria autora que, diante de tantas indagações sobre si, sobre a relação com os outros e com o mundo, buscou um diagnóstico que lhe possibilitou alcançar o autoconhecimento. A sua identidade que antes parecia fragmentada, agora está sendo construída sob um novo olhar, dando-lhe o direito à expressão de quem de fato é, de sua subjetividade.

O texto, escrito de forma clara e didática, consegue mostrar as variadas situações enfrentadas por pessoas que fazem parte do espectro, em especial, pelo feminino adulto. Inclusive, ressalta que, mesmo após o diagnóstico, as pessoas ainda podem olhadas com certa indiferença, já que quando alguém é funcional para a sociedade,

⁴ Cibercultura refere-se ao conjunto de práticas, atitudes, valores e formas de expressão que emergem da interação entre a sociedade e as tecnologias digitais, como a internet, computadores e dispositivos móveis.

⁵ Han, em suas obras, compara o isolamento provocado pelas redes a características ao isolamento presente no TEA, mas, de acordo com nossos estudos, tal comparação vai contra ao que a inclusão de pessoas do espectro apregoa.

declarar-se como autista pode ser sinal de barganha por direitos e vantagens. Entretanto, isso não é verdade. Por exemplo, a personagem ficou eufórica com o diagnóstico, pois nunca antes algo havia lhe descrito tão perfeitamente. Com a descoberta, parte em busca de ressignificações para sua vida. Ao encontrar seus pares, encontra também o sentido de pertencimento identitário e ninguém pode lhe privar disso.

Na obra, que traz informações sobre o TEA, tais como interesses restritos, dificuldades na socialização, estratégias de adaptação etc, as páginas da HQ que começam em preto em branco vão, pouco a pouco, tecendo-se de cores. Observamos ainda que a ilustradora capta essas transformações através das mudanças comportamentais e corporais de Marguerite. Se antes se sentia deslocada e lutando todos os dias para manter as aparências, agora sua vida muda significativamente. Passam-se três anos e Marguerite já consegue contemplar os dias ensolarados em sua existência.

Frente a tais elementos, Dachez (2023), também conhecida como Marguerite ou Super Pépette para os que seguem seu blog, com sua obra contribui para reduzir erros de diagnóstico, dúvidas das famílias e vulnerabilidade das pessoas com TEA. Terminamos, desta forma, com uma fala sua que julgamos bastante pertinente. A autora declara:

Ao abraçar sua verdadeira identidade, aceitando sua singularidade, você se torna um exemplo a ser seguido. Você tem o poder de romper essa camisa de força normativa que sufoca todos nós e nos impede de viver juntos com respeito e tolerância. Sua diferença não é parte do problema, mas da solução. É um remédio nossa sociedade, doente da normalidade (Dachez, 2023, p.5).

Considerações finais

Pessoas com TEA precisam sentir que pertencem a grupos, sejam eles familiares, escolares ou comunitários, reduzindo o isolamento e promovendo a integração social. Por isto é essencial identificar a ocorrência do transtorno e intervir o quanto antes nas áreas necessárias.

É importante ressaltar aqui que o DSM-5-TR não objetiva gerar rótulos para as pessoas, mas sim, disponibilizar informações úteis para profissionais de saúde mental e educadores que trabalham com pessoas que fazem parte do Espectro Autista. Lembrando que cada pessoa é única, os níveis de suporte são úteis para a compreensão de cada história em particular, pois, por se tratar de um espectro, as características se apresentam de modo diversificado.

Nesta pesquisa, optamos por apresentar as especificidades do TEA a partir da análise de uma obra literária, intitulada a diferença invisível. Lançando mão dos referenciais teóricos escolhidos, selecionamos algumas cenas e, a partir delas, debatemos sobre o transtorno. Acreditamos que essa obra se trata de um material muito rico, que permite análises posteriores.

Referências

AQUINO, K. T. de. (2024). **Contribuições de Bourdieu para a sociologia da educação**. Revista Educação em Contexto, 3(1), 91–103. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.11935640>. Acesso em 30 jan 2025.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2023.

BOURDIEU, P. **Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: Editora da Unesp, 2004, p. 17-69.

Disponível em <https://favaretoufabr.files.wordpress.com/2019/05/bourdieu-pierre-os-usos-sociais-da-ciencia.pdf>. Acesso em: 05 jul.2025.

BRUNO, A. R. e COUTO, J. L. P. **Culturas contemporâneas: o digital e o ciber em relação.** Revista Educação e Cultura Contemporânea, Rio de Janeiro, v. 16, n. 43, 2019. ISSN on-line: 2238-1279 100. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2238-1279.2019000695>. Acesso em 04 jun.2025.

CAROLINE, M.; DACHEZ, J.. **A diferença invisível.** São Paulo: Nemo, 2023.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet-Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CASTRO, T.C.T; JESUS, L. de O. (orgs.). **Espectro Autista feminino: Invisibilidade, diagnóstico e perspectivas.** São Paulo: Literare Books, 2024.

DIONEI, Mathias. **Pertencimento: discussão teórica.** Scielo: 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1517-106X/202325110>. Acesso em: 12 jun.2025.

GOFFMAN, E. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** 15. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, [1959] 2008.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

HAN, B.-C. **Infocracia : digitalização e a crise da democracia.** Rio de Janeiro: Vozes, 2022.

_____. **Sociedade do cansaço.** Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

LE BRETON, D. **Desaparecer de si: Uma tentação contemporânea.** Petrópolis: Vozes, 2018.

MASTRODI, J.; AVELAR, A. E. C. **O conceito de cidadania a partir da obra de T. H. Marshall: conquista e concessão.** Cadernos de Direito, Piracicaba, v. 17(33): 3-27, jul.-dez. 2017 • ISSN Eletrônico: 2238-1228.

NORA, P., & Aun Khoury, T. Y. (2012). **Entre Memória E História: A Problemática Dos Lugares.** Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em:

Quem é Pierre Lévy, filósofo francês que definiu o que é cibercultura. Pós PUCPR Digital, 2021. Disponível em <https://posdigital.pucpr.br/blog/pierre-levy>. Acesso em 10 jul.2025.

SANTAELLA, L. **Implicações humanas das tecnociências.** Estudos Avançados, São Paulo v. 38, nº110: 7-18, 2024.

Disponível

<https://www.scielo.br/j/ea/a/TjS86KgVp38fgrqC8BcqPG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 07 jul.2025.